

1) Sua impressão sobre o pleito do dia 14, diante dos resultados conhecidos.

Eu não poderia estar mais satisfeito com os resultados da última eleição. O simples cotejo superficial com as cifras referentes ao pleito de 3 de maio demonstra que, enquanto a votação do partido governista estacionou, a da Frente-Unica quasi duplicou.

Em maio, obtivemos 36.000 votos; em outubro, 72.000, isto é, *a mesma votação duplicou.*
segunda a restrição de

O Partido Liberal alcançou

27.000 no primeiro pleito e *125.000* no segundo, *isto é, a uma votação teve um triplo decréscimo.*
Isto demonstra matematicamente o que foi, no Rio Grande, a eleição á constituinte federal, dada pelo situacionismo que a mais livre até então realizada. As prisões sucediam-se, ninguém podia mover-se sem salvo-conduto e os chefes oposicionistas em muitos municípios foram proibidos de sair da sede e ficaram impossibilitados de fazer o trabalho de alistamento e propaganda. Em tais condições *foi que se* realizou o pleito de 3 de maio; não admira que a votação da Frente-Unica tenha duplicado *apesar* das condições precárias em que se realizou a segunda *eleição* da Republica nova.

Com efeito, só depois depromulgada a constituição e *depois* haverem regressado do exílio muitos dos seus principais chefes, foi que a Frente-Unica começou a se movimentar, alistando e fazendo reuniões de propaganda. Para o alistamento, não tivemos senão algumas semanas uteis. Em certos municípios, não alistamos um só eleitor e era o proprio órgão official do governo quem trombeteava o fato, como prenuncio de uma derrota esmagadora. Todavia, ainda ai a votação da Frente-Unica foi brilhante, exceptuados apenas municípios como Palmeira, donde ~~Nx~~ há muito desapareceram as mais elementares garantias humanas e onde a primeira tentativa de atividade por parte da opposição foi barbaramente afogada em sangue, sem que até hoje se tivesse tomado a minima providencia para punir os

X ^{mas}, o que melhor define a feição do atual govêrno riograndense é a guerra de morte que, por todos os meios ao seu alcance, está movendo ao "Correio do Povo", o mais prestigioso órgão da imprensa riograndense, quer prégando-lhe a boycottagem pelas colunas do seu órgão oficial, quer exercendo pressão direta e pessoal sobre os anunciantes que, de qualquer forma, teem interesses ligados á administração pública, quer proibindo a venda do jornal nos trens e estações da Viação Ferrea. Como se explica esta campanha feroz e sistemática de um govêrno contra um jornal imparcial e sem ligações políticas, como sempre foi o "Correio do Povo"? É que, numa época em que o oficialismo riograndense proclamava o desaparecimento da Frente-Única, este jornal, fiel á sua missão de informar o publico, noticiava a atividade política tanto do situacionismo, como da oposição e constituia uma grnade válvula, por onde respirava a população. Tal é o grande crime do "Correio do Povo": ter mantido a sua orientação tradicional e ter recusado submeter-se aos caprichos e interesses da facção dominante.

Este é o tratamento dispensado á imprensa sem ligações ~~partidárias~~ ~~partidárias~~ políticas. Do que se reserva a imprensa partidária, diz melhor que tudo a tentativa de incêndio, e empastelamento há dias registrada contra o "Libertador", da cidade de Pelotas.

Assim se exerce o regime "liberal" no ~~xxx~~ Rio Grande...

diferentes são as condições em que ele se vai exercer. Seria, pois, um tanto aventureoso fazer conjecturas e o mais seguro é esperar os fatos. Entretanto, uma coisa já se pode adiantar: é que a oposição riograndense se permanecerá fiel á sua função constitucional, que é fiscalizar rigorosamente os atos do governo. Quanto á bancada oposicionista na constituinte estadual, o seu primeiro cuidado será, naturalmente, esforçar-se ^{por} obter uma ~~constituição~~ ^{do Estado} constituição verdadeiramente democrática e acorde com as ~~suas~~ ^{do Estado} necessidades. Depois disto, a sua conduta dependerá do governo que vier a constituir-se. Se fôr honesto e bem intencionado, estaremos prontos a auxiliá-lo nos seus bons propósitos; se, pelo contrário, teimar em violar todos os direitos e em dispor da coisa pública como de sua propriedade particular, combatê-lo-emos com toda a enrgia. Quem dá o tom ás posições são em geral os governos.

3) Como chefe de um dos partidos políticos riograndenses, como encara a ação do sr. Getúlio Vargas no govêrno do país, abstração feita da fase ditatorial já encerrada?

Não é coisa fácil fazer abstração da fase ditatorial no julgamento da fase constitucional, ^{há pontos inangundáveis} porque o presidente continuou sem transição o ditador e, quer se queira, quer ~~em~~ não, terá de arcar com as responsabilidades que este lhe legou. ~~Não se pode deixar~~ ~~de considerar que um governo que se põe á frente de uma situação da sr. Getúlio Vargas.~~ Assinalada esta circunstancia, não tenho dúvida em dizer que os meus votos são no sentido de que o primeiro govêrno constitucional da República Nova saiba pôr-se á altura da delicada situação criada, ~~resgatando os seus pecados originais.~~ Este é o meu desejo, não só de patriota, mas também de oposicionista, porque oposição não é demolição, ~~senão nos casos extremos~~ ^{democrática} Normalmente, deve ser critica construtiva. Não digo que seja fácil, mas é possível a transposição desejada: governos há que nascem bafejados pela opinião pública, para logo decaírem da confiança popular; outros existem que, recábidos com justificada preven-

ções, logo as desfazem.

3) Os jornais referem-se ao desejo que teria o presidente da República de harmonizar a política sulriograndense, de modo a extinguir o foco de intranquilidade política. A opinião do presidente do D. sobre o assunto.

—A minha opinião a respeito da pacificação do Rio Grande é conhecida já faz alguns meses, quando, em nome da Frente Unica, desfiz de maneira cabal a exploração política, que pretendia dar-nos como impenitentes partidários da guerra. Se exceptuarmos as pessoas que tiram partido da actual situação, ~~e as que vivem de despesas~~, não há uma unica pessoa que não deseje um ambiente mais respiravel. O illustre jornalista que me interpela, conhece perfeitamente o Rio Grande e acaba de ter um contacto de algumas semanas com a sua terra natal; ^{de} poderá dizer tão bem quanto eu, se a actual situação poderá manter-se por muito tempo sem danos irreparaveis. ^{até na ordem económica} Se o presidente da República pacificasse o Rio Grande, concorrendo para dar-lhe um governo honesto e imparcial, que fosse garantia de todos os direitos, em vez de ^{ser o} seu mais constante e desabusado violador, prestaria á sua terra o maior serviço possível.

5) Que nos diz sobre o falado partido nacional, formado pela colligação das oposições estaduais?

De penso-me de reincidir aqui na batida tecla da necessidade de partidos nacionais. É já um lugar comm. A politica brasileira será sempre fragmentar e regionalista, enquanto tais partidos não se formarem e não prosperarem. Não pretendo tambem analisar as causas que teem impedido até agora semelhantes organizações ~~incógnitas~~ na república brasileira, ~~existem e formam-se~~ nem quero feferir as condições indispensaveis para que elas vinguem e prosperem. A idéa de um grande partido nacional já está lançada. Estamos, por ora, no primeiro estágio: associação de partidos ^{regionais} nacionais. Era quanto se podia fazer no momento. A formação de um verdadeiro partido é coisa mais delicada e só depois de instalado o novo parlamento, é que se poderá tratar dela.

A sua gestação terá de ser forçosamente intra-parlamentar. Só depois de reunidos os representantes das correntes políticas estaduais é que se poderá encontrar a fórmula do partido nacional. É preciso não esquecer: não pode haver verdadeiro partido político sem programa e programa que seja, não o pretexto, mas a causa determinante do partido. Temos, pois, por ora, uma grande aliança de partidos de oposição; esta aliança poderá transformar-se num grande e verdadeiro partido, desde que as suas aspirações e os ~~seus~~ seus princípios se possam concretizar num programa comum.